

Roteiro de Discussão^{1 2}

Epifenômeno p.25

Um entrevistador perguntou: “Você chamaria sentimentos (feelings) e estados mentais de epifenômenos?” Eu disse não. *Webster’s Third New International* define um epifenômeno como “um fenômeno secundário que acompanha um outro... e considerado como sendo causado por este.” Para a maioria das pessoas, o comportamento seria o epifenômeno. Quando eu chamo os sentimentos de “subprodutos” de comportamento parece ficar implícito que eles são epifenomenais. Uma expressão melhor é “produtos colaterais”. Os sentimentos e o comportamento são ambos causados por histórias genética e ambiental em conjunto com a situação presente.

Expectativa p.28

Quando dizemos que um tema musical “frustra nossas expectativas” podemos descrever o fato de outra maneira?

Certas sequências padronizadas ouvidas por vezes repetidas nos levam a “antecipar” a próxima nota no tema, no sentido de ouvi-la como uma resposta perceptual, ou cantando-a, ou tocando-a num instrumento familiar. Vemos isso quando estamos errados, quando a última nota em uma canção bem conhecida é deliberadamente desafinada por brincadeira. Antecipação é, da mesma forma que ler junto com o escritor, uma tendência para fazer uma resposta correspondente. Uma nova sequência é, assim, um novo estímulo. Não é uma expectativa que foi frustrada, mas uma resposta bem definida, como um passo em falso numa calçada em que não percebemos um buraco. Comportamento padronizado é ineficaz e o resultado pode ser punitivo ou, se não tão sério, divertido.

¹ Epstein, R. (Ed.) (1980) *Notebooks, B. F. Skinner*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice - Hall, Inc.

² *Texto traduzido por Hélio José Guilhardi e Patrícia Piason Queiroz para uso exclusivo dos grupos de estudo e de supervisão do Instituto de Análise de Comportamento* - *Campinas.*

Além de “Beyond” p.5

Beyond Freedom and Dignity (Além da Liberdade e da Dignidade, que foi traduzido por Mito da Liberdade em português) foi um título equivocado. Ele sugeriu que eu era contra a liberdade e a dignidade pessoal. Eu não defendi controle autoritário; controle existe e deveria ser corrigido. Apenas um anarquista completo se recusa a reconhecer que um indivíduo deve ser restringido para o bem

do grupo, e como agora vemos para o bem da espécie. Mas, a restrição é uma ameaça à liberdade apenas se ela for aversiva. Se a atuação para o bem do grupo for positivamente reforçada, as pessoas se sentirão tão livres e dignas quanto possível. Sou favorável a isto. É a melhor maneira de promover o governo pelo povo para o povo.

Auto-Controle e Vontade p. 96

É um problema descobrir como afastar alguém de uma situação em que ele se comporta de modos que geram consequências aversivas. Aparentemente, a pessoa não consegue simplesmente ficar na situação e parar de responder. Algumas crianças autistas não conseguem parar de se punir, inclusive podem agir de maneiras que dão a impressão de estarem sendo reforçadas pela compulsão. A solução para muitos problemas neuróticos, freqüentemente, consiste em fazer alguma coisa para levar o comportamento a atingir um fim, ao invés de simplesmente chegar ao fim. Seria esta a diferença entre auto-controle pelo exercício da “vontade”(simplesmente parando um hábito ruim) e pela mudança das contingências ambientais?

Regras, Modelos, Contingências p.87

O insucesso para fazer com que muitos pais vacinem seus filhos mostra a diferença entre regras e contingências.

No tempo em que os pais viam muitas crianças paralíticas pela pólio, eles corriam para vacinar seus próprios filhos. Agora que há poucos casos, é difícil convencê-los a levar seus filhos para serem vacinados. Quando as contingências se tornam fracas, as regras são fracas.

O que pode ser feito? Descrever as epidemias que podem vir se as crianças não forem vacinadas? Mostrar crianças paralíticas na TV? Em outras palavras, restabelecer contingências com modelos?

Em que extensão a própria conduta de alguém muda por ver outra pessoa punida (pelas autoridades ou pela natureza, como em um acidente de carro ou por uma doença incapacitante)? Seria a punição capital da natureza um meio de intimidação.

Encontrando os Fragmentos p. 84

Alguns meses atrás eu memorizei talvez uma dúzia de sonetos de Shakespeare. Eu não os recitei desde então. Alguns minutos atrás, comecei a recordar um, com grande dificuldade. Fragmentos voltaram, no entanto, de uma maneira surpreendente. Eu posso mesmo ter me lembrado de algumas partes mais acuradamente do que eu poderia ter feito tempos antes. Algumas palavras permaneceram resistentemente além do alcance, mas eu acho que as teria relembado se tivesse continuado a vasculhar o material adjacente. Ficou claro que eu estava me ajudando a recordar reunindo, gradualmente, estímulos intraverbais relacionados. O procedimento não seria certamente bem descrito como a busca dos fragmentos em falta no depósito da memória.

A Origem de uma Resposta Verbal p.29

Um sistema verbal primitivo poderia ter surgido como se segue: uma mãe aprende a responder a sons feitos pelo seu primeiro bebê, que são correlacionados com várias intensidades do comportamento dele. Assim, se o bebê faz um tipo particular de som quando está pronto para sugar, a mãe virá para colocá-lo em seu peito quando o ouve. Quando começar a responder rapidamente desta maneira, ela reforçará eficazmente a resposta do filho, e o bebê faminto, então adquire um “mando” com topografia similar a resposta original incondicionada. A topografia pode variar, entretanto, na medida em que o bebê faz sons diferentes. O caso é bem diferente com o segundo bebê. A mãe já foi condicionada a responder a uma resposta filogenética e irá mais rapidamente modelar um padrão mais nítido. A segunda criança deverá aprender mais rapidamente e adquirir uma topografia mais padronizada.

Reforço de um Mando p. 105

Um menino viajando com sua irmã mais nova em um avião era claramente o irmão dominante. Mas, ele estava atrasado para voltar ao seu acento quando o sinal do cinto de segurança acendeu, e sua irmã disse, com óbvio prazer, “Aperte seu cinto!” . Ele obedeceu por causa do sinal, mas existia uma veemência na resposta da menina; pela primeira vez ela seria obedecida.

“Brincando de ser Deus” p.112

Num programa de televisão, Margaret Mead respondeu a alguma coisa que eu disse, falando a platéia que ela não queria brincar de ser Deus. Ela não queria “controlar pessoas.” Todos aplaudiram.

Mas, o Deus cristão também não quer controlar pessoas. Isso é bem explícito na teologia cristã. Se Ele nos controlasse, Ele seria responsável pela confusão em que estamos. Ele está deixando para os indivíduos se controlarem.

Quando você age para controlar a si mesmo e a outras pessoas, você está fazendo “o que Deus lhe permite fazer, ao invés de o obriga a fazer.” E você faz

isso construindo uma situação que controla você ou controla os outros. Frazier não controlava os membros de Walden Two. O mundo que ele planejou e que eles mantêm é o controlador.